

LINGUÍSTICA E LITERATURA EM DIÁLOGO: ENTREVISTA COM ROGER CHARTIER, PROFESSOR HONORÁRIO DO COLLÈGE DE FRANCE

Entrevistado por:

Everaldo Lima de Araújo (Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela UERJ)
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela UERJ; e em Letras Neolatinas – Língua Italiana – pela UFRJ)
Jordana Lenhardt (Doutoranda em Letras – Linguística – pela UERJ)
Márcia da Gama Silva Felipe (Doutoranda em Letras – Língua Portuguesa – pela UERJ)

Roger Chartier, doutor pela *École Normale Supérieure de Saint-Cloud* (França), é um influente historiador, pesquisador da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e professor honorário do *Collège de France*. Possui investigação no campo da história da cultura e dos livros, da trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais. Destacam-se sobretudo os seus estudos sobre a História do Livro e da Leitura na Europa.

Possui ainda vastíssima produção publicada, das quais se destacam *Lecture et lecteurs dans la France de l'Ancien Régime* (1987), *Les origines culturelles de la Révolution Française* (1990), *Escribir las prácticas. Foucault, De Certeau, Marin* (1996), *Écrire et effacer: culture écrite et littérature* (2003), entre outros, e codirigiu *Histoire de l'édition française* (1983–1986) e *Histoire de la lecture dans le monde occidental* (1997).

No Brasil, dentre as obras publicadas, temos *Formas e sentido - cultura escrita: entre distinção e apropriação* (Mercado de Letras), *Inscriver & apagar* (Editora Unesp), *Leituras e leitores na França do antigo regime* (Editora Unesp), *Práticas da leitura* (Estação Liberdade), *A aventura do livro – do leitor ao navegador* (Editora Unesp), *Os desafios da escrita* (Editora Unesp), *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (Editora UnB) e *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*, em coautoria com Philippe Ariès (Companhia das Letras).

Gentilmente, o professor Chartier se dispôs a nos conceder esta entrevista, via e-mail, em que discute questões variadas referentes à língua/linguística e literatura, bem como suas inter-relações e tópicos afins.



Fonte: *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/para-historiador-roger-chartier-book-jamais-substituiu-livro-fisico-19813577>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PALIMPSESTO

1) Professor, como o senhor vê a intersecção de estudos que aproximam Língua/Linguística e Literatura?¹

ROGER CHARTIER

Como historiador trabalhando sobre as obras que são chamadas “literárias” (Shakespeare, Cervantes, Molière), eu presto atenção nas palavras dos textos me esforçando para identificar seu conteúdo semântico, as intensidades e os registros que lhes deram suas significações sucessivas. Meus trabalhos mais recentes, dedicados ao estudo das traduções das obras largamente recebidas (*Il Corteggiano* de Castiglione, a *Brevísima Relación de las Casas* ou o *Oráculo manual* de Gracián) obrigam essa atenção. Uma das aproximações possíveis é de medir a diferença (ou a conformidade) entre os

¹ As questões 1, 2, 3 e 4 foram respondidas em francês por Roger Chartier. As demais (5, 6 e 7), em português. As respostas em francês foram aqui traduzidas para o português por Elisa da Silva de Almeida, doutoranda em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

empregos das palavras no texto e suas definições ou exemplos de uso nos dicionários mais próximos cronologicamente (o dicionário da Academia da Crusca, o *Tesoro* de Covarrubias, os dicionários franceses do século XVII (*Richelet*, *Furetière*, *l'Académie*) ou o *Dicionário de Autoridades* da Real Academia).

PALIMPSESTO

2) Na sua realidade, a formação acadêmica contempla a aproximação entre Língua/Linguística e Literatura? Qual a sua opinião a respeito? Nesse sentido, que alternativas os graduandos possuem?

ROGER CHARTIER

Não. Eu sou historiador e minha formação foi aquela de um historiador situado na tradição dos *Annales*. Meu interesse pela “literatura” nasceu como efeito dos meus trabalhos sobre a história dos livros e da edição, de um interesse voltado às obras do Século de Ouro espanhol que, mais que os outras, fizeram das práticas e objetos de escrita e da leitura o próprio material da ficção e de meus trimestres de ensinamento na Universidade da Pensilvânia que me familiarizaram com Shakespeare. Da Linguística, eu conheci verdadeiramente apenas os estudos lexicais, as aproximações sociolinguísticas (Labov, Encrevé) e, graças aos meus amigos espanhóis (Francisco Rico, Pedro Cátedra, Víctor Infantes), os passos filológicos.

PALIMPSESTO

3) Suas principais publicações são sobre história, leitura e o livro. Nesse universo, qual o espaço para uma discussão sobre a língua tomada como elemento de ensino?

ROGER CHARTIER

A língua é um objeto essencial das minhas pesquisas atuais sobre a tradução e seu corolário: o intraduzível. As disponibilidades lexicais, as estruturas gramaticais, os contextos semânticos são os elementos fundamentais nesses estudos. Anteriormente, eu me interessei pela plasticidade gráfica das palavras (particularmente no inglês dos séculos XVI e XVII), nos esforços de reformadores de ortografia para estabelecer uma estrita correspondência entre aquilo que é escrito e o que é dito, e às convenções da pontuação. Essas questões levam à descoberta de que na época da primeira modernidade, o espanhol seria considerado como a menos imperfeita das línguas. Um outro elemento de interesse foi para mim as línguas universais destacadas das línguas particulares: assim as línguas formais (Willkins, Condorcet), o *ballet* de ação (Noverre), os “*emoticons*” e “*emojis*” do mundo digital.

PALIMPSESTO

4) Em seus escritos, o senhor fala sobre conceitos como o de “representação”, “cultura” e “sentido”. Numa perspectiva de possibilidade múltipla de interpretação para os textos, como utilizá-los como ferramentas de ensino?

ROGER CHARTIER

Um ponto essencial é a pluralidade e a mobilidade dos textos que dão existência a uma “mesma” obra: *Hamlet*, *Dom Quixote*, *Don Juan*. Essa mobilidade deve ser reportada por diversas razões, que colocam em jogo os conceitos que os evocam: 1) o mundo de atribuição dos textos, entre a “função autor” e o anonimato; 2) as variantes textuais, decididas pelos autores e ou editores (no sentido inglês de “editor”); 3) as materializações do texto, que multiplicam as formas de inscrição das obras (por exemplo, a passagem das peças inglesas do tempo shakespeariano do quarto ao folio, a tensão entre o serial e o livro para o romance do século XIX); 4) as migrações das obras entre gêneros (da crônica ao teatro, do romance ao teatro) ou entre línguas; 5) os horizontes de expectativa dos leitores e suas práticas de leitura.

A construção do sentido dos textos implica a mobilização dos seus diferentes elementos que explicam as recepções e interpretações múltiplas das mesmas obras. Tal aproximação é, obviamente, oposta a todas aquelas, estruturais e formalistas, que situam o sentido dos textos como produto da própria máquina linguística.

PALIMPSESTO

5) A sociedade e as nossas vidas são atravessadas, a todo momento, pelas novas mídias, tecnologias e mecanismos de informação – as chamadas TIC’s. Que impactos essas tecnologias possuem sobre o texto, a história, a cultura e/ou a língua?

ROGER CHARTIER

Não devemos ignorar a profunda originalidade e a importância da revolução digital. Semelhante revolução obriga o leitor afastar-se de todas as heranças que o têm moldado, já que é, ao mesmo tempo e pela primeira vez na história da humanidade, uma revolução da técnica da reprodução dos textos, uma revolução da materialidade do suporte do escrito e uma revolução da relação com o escrito. A ordem dos discursos, tal como a conhecemos, se estabeleceu a partir da relação que vincula tipos de objetos (o livro, o diário, a revista, o cartaz, o formulário, a carta, etc.), categorias de textos e formas de leitura ou de uso. Semelhante vinculação resultou no mundo ocidental da sedimentação de três inovações fundamentais. É esta ordem dos discursos a que transformam profundamente a textualidade eletrônica. É agora um único suporte – a tela do computador – a que faz parecer frente ao leitor diversos gêneros de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos distintos. Todos os textos são lidos sob o mesmo objeto (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente aquelas decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade textual que não diferencia mais os diversos discursos a partir de sua materialidade própria e que dificulta a percepção das obras como tal, na sua coerência e identidade.

Todas as interrogações do presente se radicam nesta observação. Como manter o conceito de propriedade literária, definido desde o século XVIII a partir de uma identidade perpetuada das obras, reconhecível mais que qualquer forma que tome sua publicação, num mundo onde os textos são possivelmente móveis, maleáveis, abertos? Como reconhecer uma ordem do discurso, que foi sempre uma ordem dos livros ou, para dizer melhor, uma ordem das produções escritas que associa estreitamente autoridade de

saber e forma de publicação, quando as possibilidades técnicas permitem, sem controles nem prazos, posta em circulação universal de opiniões e conhecimentos, mas também de erros e falsificações? Como preservar maneiras de ler que constroem a significação a partir da coexistência de textos num mesmo objeto (um livro, uma revista, um jornal) na medida em que o novo modo de conservação e transmissão dos escritos impõe à leitura uma lógica analítica e enciclopédica em que cada texto não tem outro contexto mais que sua pertença a uma mesma temática?

PALIMPSESTO

6) O que a análise da História e de seus percursos pode contribuir para o momento atual e para as discussões acerca da Língua e da Literatura?

ROGER CHARTIER

Um desafio fundamental lançado à história social ou cultural, quaisquer que sejam as suas abordagens e objetos, diz respeito à articulação entre práticas e discursos. O colocar em questão das antigas certezas tomou a forma do *“linguistic turn”* que se baseia em duas ideias essenciais: que a linguagem é um sistema de signos cujas relações produzem o sentido fora de qualquer intenção subjetiva; que a "realidade" não é uma referência objetiva, exterior ao discurso, mas é sempre construída na e pela linguagem. Uma tal perspectiva considera que os interesses sociais nunca são uma realidade preexistente, mas são sempre o resultado de uma construção linguística, e considera que toda a prática, qualquer que ela seja, está sempre situada na ordem do discurso

Contra estes postulados, muitos historiadores lembraram que, se as práticas antigas não são a maior parte das vezes acessíveis senão através de textos que as representam ou organizam, prescrevem ou proscovem, isto não implica, contudo, a confusão entre as duas lógicas: a lógica que governa a produção e a recepção dos discursos e a lógica que regula comportamentos e ações. Para pensar essa irreduzibilidade entre a experiência e o discurso, entre a lógica prática e a lógica logocêntrica, os historiadores encontraram apoio na distinção proposta por Foucault entre "formações discursivas" e "sistemas não discursivos" ou aquela estabelecida por Bourdieu entre "sentido prático" e "razão escolástica".

Tais distinções levam a pensar que a construção de interesses pelas linguagens disponíveis num dado tempo é ela própria limitada pela desigualdade de recursos (materiais, linguísticos e conceptuais) de que os indivíduos dispõem. As propriedades e as posições sociais que caracterizam, nas suas distâncias, os diferentes grupos e classes sociais, não são ou não são só um efeito dos discursos, mas designam as suas condições de possibilidade.

PALIMPSESTO

7) Em sua opinião, quais perspectivas de pesquisa ainda se colocam como necessárias, importantes ou próximas, para esse tema, no cenário brasileiro?

ROGER CHARTIER

Oito temas me parecem fundamentais: 1) a cronologia das traduções das obras em castelhano (particularmente do *Siglo de Oro*) em português (*Don Quijote* foi traduzido

somente em 1794, a *Brevíssima Relación* de Las Casas só em 1948). Um inventário bibliográfico sistemático seria essencial; 2) a cronologia da percepção e expressão da distância entre o português do Portugal e o português do Brasil entre o século XVI e a normalização linguística recente que impor os usos brasileiros (*prática* sem *c*, *subjetividade* sem *b*); 3) as razões tanto editoriais como linguísticas que justificam que alguns livros foram traduzidos duas vezes em Portugal e no Brasil. *A História da vida privada*, dirigida por Ariès e Duby, por exemplo, foi publicada em duas traduções portuguesas diferentes: em Lisboa pela *Afrontamento* e em São Paulo pela *Companhia das Letras*; 4) uma comparação das edições portuguesas e brasileiras por um mesmo texto (por exemplo, os manuais escolares ou as cartilhas cujas edições brasileiras incorporam palavras novas, tem uma estrutura diferente e apresentam variantes textuais; 5) uma análise das diferenças das escolhas e exclusões nas histórias da literatura brasileira desde as primeiras (a obra de Ferdinand Denis publicada em francês em 1826, *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, seguida em 1841 pelo *Bosquejo da história da poesia brasileira* de Joaquim Norberto de Souza Silva, que é o prólogo de suas *Modulações poéticas*, e em 1843 pela *Introdução histórica e biográfica à literatura brasileira* de Pereira da Silva, que abre seu *Parnaso brasileiro*) até hoje; 6) um estudo da penetração do inglês na textualidade digital: seu uso nas redes sociais, a introdução dum léxico próprio, as abreviações (“*I c you*”); 7) uma comparação histórica e sociolinguística das maneiras de dirigir-se ao outro: vossa mercê, você, o senhor, tu; 8) uma reflexão sobre o intraduzível. Por exemplo, a não tradução de “saudade” em francês ou inglês (cf. a conversa entre Agualusa e seu tradutor inglês em *O Globo*, de 15 de junho de 2015).